VIII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 18 a 20 de setembro de 2014
ISSN 1982-3657

METODOLOGIAS ALTERNATIVAS DE ENSINO: POR UMA DESDATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DO TEATRO DO OPRIMIDO

Priscilla Teixeira Campos[1]

Adauto Souza Ribeiro[2]

Eixo temático 22. Educação e pesquisa em espaços não formais.

Este estudo teórico-metodológico busca no Teatro do Oprimido e nos princípios da agroecologia através da Flor da Permacultura uma alternativa para desdatização da Educação Ambiental que transcende a relação entre arte, educação e o ambiente. A discussão parte de um estudo de campo envolvendo jovens dos movimentos sociais rurais, através do Movimento Coletivo da Juventude no sertão sergipano. Nessa pesquisa trabalhamos as vivências artísticas e discussões teóricas no intuito de unir o Pensamento Sensível e o Pensamento Simbólico na construção de um conceito de sustentabilidade com ressignificação da Educação Ambiental. Os resultados refletem sobre as possibilidades e necessidades de inovações através da arte para/com as práticas educativas.

Palavras-chave: Arte educação, Sustentabilidade, Movimentos Sociais.

This theoretical-methodological study looking at the Theatre of the Oppressed and the principles of agroecology through the Permaculture Flower an alternative to no didactic environmental education that transcends the relationship between art, education and the environment. The discussion start of a field study involving youth of rural social movements, through the Collective Youth Movement in Sergipe backcountry. In this research work the artistic experiences and theoretical discussions with the objective of unite the Thought Sensitive and Symbolic Thinking in building a concept of sustainability to reframe environmental education. The results reflect on the possibilities and needs of innovations through art for / with educational practices.

Keywords: Art Education, Sustainability, Social Movements.

"A arte é a pedagogia do entendimento"

Augusto Boal

O cenário contemporâneo apresenta-se como complexo e de difícil assimilação. Não só pela crise socioambiental em que vivemos, como também pelas rupturas das inúmeras fronteiras do conhecimento na tentativa de alcançar uma compreensão mais próxima do real.

Na Educação Ambiental ocorre o mesmo, pois os novos Paradigmas da Sustentabilidade necessitam de um novo entendimento do meio que nos cerca e de uma nova forma de nos relacionarmos com ele.

O que nos suscitam algumas questões como: quais as contribuições da arte enquanto linguagem outra e própria para uma maior compreensão das relações do homem consigo mesmo e com o seu entorno?
E compreendendo essa realidade, como podemos fazer para modificá-la?

Segundo Boal [3](2009) para apreender uma realidade complexa devemos trabalhar simultaneamente com duas formas de pensamento: o Pensamento sensível relacionado à nossa subjetividade, emoções e sentimentos; e o Pensamento Simbólico relacionado aos processos racionais, pois juntos, eles nos dão uma maior compreensão do real.

Sendo assim, a questão que norteou essa pesquisa[4] foi: que contribuições teórico-metodológicas o Teatro do Oprimido e a Flor da Permacultura trazem para a Educação Ambiental contemporânea?

O Teatro do Oprimido é um sistema de jogos e dinâmicas criado para o trabalho de desmecanização corporal e mental de atores e não-atores. A Flor da Permacultura (LEGAN, 2004) é um modelo teórico de diagnóstico ambiental para Sustentabilidade cuja base teórica são 6 pétalas/temas inter- relacionadas: Segurança Alimentar, Água, Energia e Tecnologia, Interação Humana, Espécies e Ecossistemas e Economia Local.

Logo, trouxemos as contribuições do Teatro do Oprimido para vivenciar o Pensamento Sensível e da Flor da Permacultura para a construção teórica do Pensamento Simbólico no intuito de apreender a realidade complexa do conceito de sustentabilidade com a juventude rural sertaneja na educação ambiental não-formal em Sergipe.

O objetivo geral dessa pesquisa foi investigar o Teatro do Oprimido e a Flor da Permacultura como metodologia potencializadora de uma Educação Ambiental plural. Para atingir o objetivo geral, o mesmo foi desmembrado nos seguintes objetivos específicos: a) aplicar uma Oficina de Teatro do Oprimido ao Movimento Coletivo da Juventude para aprofundar os conhecimentos socioambientais locais; b) avaliar o aproveitamento dos conceitos trabalhados ao longo da oficina quanto aos conhecimentos socioambientais apreendidos por esses jovens após a aplicação dessa oficina; c) construir coletivamente o conceito de Sustentabilidade para esse coletivo.

Essa pesquisa (CAMPOS, 2014), de natureza qualitativa, de abordagem interdisciplinar baseou-se na Pesquisa-Ação (BARBIER, 2007), cujo método de procedimento foi o monográfico com pesquisa de campo e aplicação de oficina teatral; os instrumentos de coleta de dados foram segundo Bauer; Gaskel (2011) questionários, entrevistas, grupo focal, observação participante, além dos diários de bordo da pesquisadora e dos sujeitos pesquisados muito utilizados na etnografia. A análise dos mesmos se deu pela Triangulação de dados (HUSSEIN, 2009), na qual fizemos uma categorização dos dados (GOETZ ; LECOMPTE, 1988) uma análise temática e uma análise quantitativa de distribuição de frequência entre as categorias elencadas. Principalmente em relação a comparação dos dados coletados nos questionários de pré e pós-teste tendo como linha de base a Flor da Permacultura, para melhor ilustrar os aproveitamentos dos conceitos trabalhados antes e depois da aplicação da oficina teatral.

Foi escolhido o Movimento Coletivo da Juventude no Centro de Formação Ana Patrícia, Porto da Folha/SE como público desse estudo. O coletivo se auto - define como a "juventude da classe trabalhadora, oriunda dos movimentos sociais, pastorais, grêmios estudantis, grupos culturais e grupos populares da cidade e do campo" (coletivo da juventude, web). Cuja diretriz é a luta pela transformação social através do trabalho de base, da militância e da educação popular. Foram conectados cinco grupos pertencentes ao Movimento Coletivo da Juventude: GTRN (Grupo teatral Raízes Nordestinas), MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), LPJ (Levante Popular da Juventude), MST (Movimento Social dos Trabalhadores sem Terra), ACRANE (Associação Cultural Raízes Nordestinas) e FETASE (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Sergipe).

O trabalho de campo teve duração de 200 horas e a oficina de teatro do oprimido cujo principio teórico norteador foram os conceitos conectores e cognitivos da flor durou 8 dias em imersão. O ideal para esse trabalho é que o público tenha idade superior a 15 anos, independente do sexo e não ultrapasse 20 jovens na oficina.

Crise Socioambiental na contemporaneidade

Segundo Loureiro (2006), o entendimento da crise socioambiental é o ponto de partida para qualquer trabalho de Educação Ambiental. Portanto daremos início a nossa apresentação com o esclarecimento da mesma.

Nós, seres humanos pressionamos o equilíbrio do planeta de diferentes formas. Sobrecarregamos os sistemas naturais pelo uso irracional dos recursos e a geração de resíduos que modificam biogeoquimicamente os ciclos naturais, apontadas por Moran (2011) como a crise socioambiental: perda da biodiversidade, diminuição da cobertura dos solos, desertificação, perda de florestas tropicais, extinção de espécies, acidez, empobrecimento e envenenamento dos solos pelo uso de agrotóxicos. Gerando consequências diretas ao ser humano como: escassez de recursos, envenenamento, alterações no clima, chuvas torrenciais e secas prolongadas, epidêmicas, êxodo rural, crescente urbanização, violência, fome, desigualdades sociais, crimes e guerras. "Agimos como se estivéssemos acima das regras que regem as demais espécies do planeta." (MORAN, 2011, p. 30).

Diante desse cenário, diversos autores concordam com a necessidade de se entender a relação entre o homem e a natureza, as consequências dessas ações para natureza e, por conseguinte para o homem. Pois "[...] a natureza pode prescindir da cultura, mas não existe sociedade e cultura sem natureza." (DI CIOMMO, 2003, p. 434).

Principalmente quando o momento atual estende-se para uma crise também de percepções e valores (CAPRA, 1994). Numa era em que os indivíduos são "conscientizados", mas desmobilizados. Na sociedade da overdose de informações "[...] em lugar de passividade alienada, apatia bem informada." (DESGRANGES, 2010, p. 162).

Na Educação Ambiental podemos caracterizar uma crise nas práticas e metodologias de ensino. Segundo Leff (2009), grande parte das experiências existentes em Educação Ambiental tem sido um processo falho quanto ao alcance de seus objetivos. Um dos motivos é que a preocupação inicial dos educadores limita-se a conservação da natureza, não aprofundando aspectos relacionados a pluralidade, subjetividade e complexidade do ser humano. Destitui-se assim, os entendimentos e provocações advindos da percepção contextualizada pelos campos simbólico (razão) e sensível (sentimento).

Portanto, a mesma torna-se linear e reducionista, já que a maior parte dos seus programas relacionam-se a um ou dois temas desconectados e repetitivos, água e lixo; o que torna a Educação Ambiental mecanizada, redutora, determinista e portanto irreal, distante de alcançar a compreensão dos problemas ambientais atuais.

Para Coimbra (2000), a questão ambiental por si só é um exercício de interdisciplinaridade e complexidade. De que maneira entender temas como Sustentabilidade de uma forma simplista?
Se os fenômenos são ecodependentes; dependem entre si, do meio e do sujeito que os observa?

Temos termos como ordem, desordem, organização e interação desenvolvendo-se mutuamente em interdependência. Não podemos isolá-los, pois só adquirem sentido em sua relação com os outros. Nos quais "[...] o desconhecido, o incerto e o complexo situam-se precisamente nessas articulações." (MORIN, 1977, p. 91). São termos simultaneamente complementares, concorrentes e antagônicos. E sendo considerados simultaneamente aproximam a análise do fenômeno de sua realidade.

Portanto, a abordagem necessária para se compreender as questões ambientais atuais deve ser amparada no Pensamento Complexo. Para Leff (2009), além disso é necessário um novo saber, uma nova compreensão do

meio que nos cerca e uma nova forma de nos relacionarmos com ele.

Para tal, devem-se criar práticas pedagógicas, por meio da implementação de ações de percepção e cognição ambiental, orientando o relacionamento entre a comunidade e o seu meio, no que concerne a uma busca de interações sustentáveis. Assim, a Educação Ambiental converte-se num projeto estratégico com o propósito de formar valores, habilidades e capacidades para orientar a transição para a sustentabilidade (LEFF, 2009).

O interesse pela investigação interdisciplinar que conecta Meio Ambiente- Educação e Arte desenvolveu-se ao longo de 8 anos através das vivências do Projeto Argos itinerante de Arte-Educação Ambiental que sensibilizou mais de 3000 pessoas com um trabalho de EA em 13 estados brasileiros e a sistematização dessa experiência durante dois anos na UFC (CAMPOS et al 2011; 2012) inclusive com formação de professores (PEREIRA et al, 2012).

Arte Educação Ambiental em Flor

A Educação Ambiental assume um papel fundamental na mudança das mentalidades e na incorporação dos fundamentos do pensamento ambientalista, que considera a integração dos sistemas ambientais e socioeconômico-culturais.

Esta vem se firmando a cada dia como um instrumento poderoso e necessário de formação para as gerações do presente através do exercício da Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999), que visa a inserção dessa em todas as modalidades de ensino, formal ou não-formal. Inclusive vem sendo discutida, desde 2012, em Sergipe a implementação da Política Estadual de Educação Ambiental.

As contribuições potenciais da Educação Ambiental para esta ressignificação são inúmeras e plurais, visto ser um campo destacado para o diálogo entre as diversas esferas da sociedade em seus aspectos políticos, econômicos e sociais. Além de ser um campo potencial para reatar laços entre a diversidade cultural e a diversidade biológica, reassumindo uma postura de interdependência entre essas diversidades.

Vislumbramos então uma educação que valoriza a "perspectiva de uma Educação Ambiental voltada para a formação de um sujeito crítico, capaz de efetuar uma leitura de mundo contextualizada histórica, social e política, compreendendo suas relações com a questão ambiental; e, ainda, capaz de se mobilizar e se empoderar, desencadeando uma ação transformadora, ativa nos ambientes de vida a qual pertence." (MMA, 2005).

Di Ciommo (2003) aponta a Educação Ambiental como uma instância mediadora no resgate de valores sufocados pela visão de mundo utilitarista. "Experiências educacionais bem-sucedidas são tentativas de dotar a educação de um poder transformador, que é político, porque reforça o conceito de cidadania." (p. 434).

Mas não da forma em que a mesma vem sendo praticada. Sua didática linear não mais se encaixa na compreensão das questões contemporâneas envolvendo o ser humano e o seu meio. É necessário reinventá-la.

Nesse ínterim, trouxemos a arte como um importante elo que conecta o homem consigo mesmo e com seu entorno. Devemos ampliar aqui o entendimento do teatro como um importante instrumento educacional.

Muitos autores citam o teatro como espaço de desenvolvimento do ser humano (KOUDELA, 2004). Além de ser reconhecido como forma de conhecimento capaz de mobilizar, coordenando-as as dimensões sensório-motora, simbólicas, afetivas e cognitivas do educando tornando-se útil na compreensão da realidade humana culturalmente determinada (JAPIASSU, 2001).

Desgranges (2010), em suas reflexões sobre a relação teatro e sociedade aponta o teatro como uma necessidade na vida contemporânea. Para que" [...] a arte teatral, porque não, reassumindo seu diálogo com a sociedade, passe a formular saídas, mesmo que seja somente a possibilidade de inovação, ainda que pontual e estratégica." (p. 167).

Mergulhar no teatro envolve jogar com sua capacidade de abstração e seu caráter interdisciplinar necessários a lidar com os seres humanos. O ser humano como um sistema aberto, que se caracteriza por estar em constante troca com os meios, em constante fluidez. Sabendo que o desafio principal nos sistemas abertos não é o processo a um fechamento (produzir um produto perfeito) e sim dirigir a transformação de uma maneira que o caráter transformador do processo seja mantido (FREITAS E OLIVEIRA, 2000).

Propomos uma educação ambiental baseada na construção dos próprios significados dos educandos a partir de suas experiências. O que para Duarte Júnior (1988) aí sim haveria uma aprendizagem significativa "[...] a educação como um processo formativo do humano, como um processo pelo qual se auxilia o homem a desenvolver sentidos e significados que orientem a sua ação no mundo." (DUARTE JÚNIOR, 1988, p. 17).

Assim, a arte surge como possibilidade de florescimento de uma Educação Ambiental que faça sentido aos educandos, o que nos aponta um caminho de descobertas e possibilidades no tratamento de questões complexas e de difícil entendimento, como a construção do conceito de sustentabilidade.

Neste trabalho elencamos o Teatro do Oprimido por ser uma metodologia popular, de democratização das práticas teatrais que possibilita o trabalho também com não-atores, de ampla abrangência temática e amplitude (BARBOSA, 2011). "O TO é uma formulação teórica e um método estético cuja teoria e práxis estão inspiradas na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire" (MOTOS-TERUÉL; NAVARRO- AMORÓS, 2012, p. 623, tradução nossa).

Além de que, o Teatro do Oprimido (BOAL,2003, 2005, 2006, 2007, 2009) como um método de teatro-educação traz para os processos educativos novas formas de se criar conhecimento e apreendê-lo de forma significativa, pois trabalha a desmecanização dos sentidos e a criação de sentidos próprios baseados na vivência dos sujeitos.

Traz em seu método um conjunto de jogos e exercícios divididos em 5 categorias de acordo com os sentidos humanos para que se possa ampliar a percepção de si- do seu corpo- e do outro num dado ambiente historicamente determinado, e a partir daí melhor compreender a realidade que o cerca para atuar nela de fato.

Para as discussões teóricas na temática ambiental trouxemos a Flor da Permacultura como modelo de Sustentabilidade. Segundo Legan (2004), a flor integra-se em 6 temas ou pétalas: Água, Energia e Tecnologia, Interação Humana, Espécies e Ecossistemas, Economia Local e Segurança Alimentar. Cada pétala traz formas sustentáveis de lidar com o seu tema, propondo soluções para os problemas que ela engloba. Essa flor foi o nosso fio condutor durante esse trabalho.

Esses dois elementos nos possibilitou realizar uma Educação Ambiental que contemplasse simultaneamente os pensamentos Simbólico e Sensível (BOAL, 2009). As vivências artísticas foram atreladas às temáticas da flor, tecendo um tapete de sentimentos e racionalidades que forrou o chão criando uma base outra onde pudemos construir uma forma singular de praticar a Educação Ambiental que almejamos.

Para Boal (2009), existem essas duas formas humanas de pensamento: o Pensamento Sensível, que diz respeito às sensações, às emoções; e o Pensamento Simbólico, que diz respeito à organização dessas sensações e se traduz em linguagem verbal e escrita. São formas complementares, poderosas, mas são ambas manipuladas e aviltadas por aqueles que impõem suas ideologias às sociedades que dominam. E Estes o fazem através do analfabetismo cultural, aquele que "aliena o indivíduo da produção da sua arte e da sua cultura, e do exercício criativo de todas as formas de Pensamento Sensível". (BOAL, 2007, p. 7).

O exercício desses pensamentos em conjunto tem o intuito de proporcionar aos oprimidos um reconhecimento da sua realidade cultural e assim se apropriarem dela, pois "para se libertarem, os oprimidos devem descobrir sua própria visão da sociedade, suas necessidades, e contrapô-las à verdade dominante, opressiva." (BOAL, 2009, p.52).

Ao criar seus próprios sentidos e valores os conteúdos são ressignificados pelos educandos o que torna a

experiência educativa mais verdadeira e o aprendizado mais factível, já que contextualizado. Em oposição a educação bancária criticada por Paulo Freire cujos valores são impostos pela cultura dominante.

Batalha de campo

A oficina de trabalho (CAMPOS, 2014; Documentário do processo, web) foi desenhada utilizando as pétalas/tema da Flor da Permacultura juntamente com as vivências artísticas do Teatro do Oprimido e Estética do Oprimido (BOAL, 2006; 2009).

O ritmo que se repetiu pelos 8 dias seguintes iniciou com uma Mística trazida pelos jovens do Coletivo da Juventude, seguido de um trabalho corporal de alongamento e aquecimento para preparação do corpo e incentivo a essa inteligência corpórea (GARDNER, 1995); os jogos das 5 categorias do TO; uma criação artística baseada na estética e uma discussão da pétala/tema do dia contextualizada com a realidade local. Finalizamos o dia com espaços de abertura para mostras da cultura dos jovens como um palco aberto para apresentação de cada movimento dentro do coletivo; bem como mostra de filmes, esquetes sobre o Teatro do Oprimido e teatro-fórum para eles irem se acostumando com a linguagem teatral (DESGRANGES, 2010) e também documentários sobre as temáticas ambientais para endossar a discussão e utilizar outras linguagens sinestésicas. Para Ryngaert (2009), no teatro jogar/assistir tem o mesmo valor de ler/escrever. À noite assistimos documentários pertinentes ao que estávamos discutindo intercalando com apresentações culturais trazidas por eles de suas localidades.

Antes e depois da Oficina foram aplicados questionários de pré e pós-teste tendo como linha de base os conceitos trazidos na Flor da Permacultura (LEGAN, 2004).

As discussões suscitadas durante a oficina contemplam o Pensamento Simbólico ou racionalidades, quando trabalhamos a cognição via o pensar lógico; e o Pensamento Sensível quando trabalhamos o Sentir para depois refletir sobre esse sentimento.

Resultados

O trabalho ocorreu com 32 jovens de 9 a 39 anos com metade dos jovens sendo do gênero feminino. Apesar de termos idades tão variadas metade dos jovens pertencia a faixa etária de 17-20 anos, o que não comprometeu o trabalho o fato de termos crianças no grupo. Já em relação a quantidade de jovens, o número ideal que era 20 extrapolou muito, indo para 32, para que pudéssemos incluir todos os interessados e caso houvesse desistência não invalidasse a amostra da pesquisa. Não houve desistências e trabalhamos toda a semana com os 32 jovens o que tornou o trabalho muito exaustivo.

Flor da Permacultura Local - Cactus

Após a semana de vivências e discussão durante a oficina teatral (CAMPOS, 2014), a Flor da Permacultura original, representação da Sustentabilidade ideal com a qual iniciamos o trabalho, deu lugar a Flor da Permacultura Local, cuja transformação se deu também na estética, tonando-se ao invés de uma flor de seis pétalas, um cactos com muitos espinhos, vegetação típica dessa região e representada por esse grupo como símbolo de resistência às agruras do sistema opressivo. Essa nova flor foi desenhada pelo coletivo em uma parede do Centro de Formação Ana Patricia em Porto do Folha/SE, onde foi realizada a oficina teatral como registro histórico do trabalho realizado.

Além da transformação estética da flor, que reflete entre outras coisas a compreensão via Pensamento Sensível podemos falar ainda em ressignificação de conceitos, via Pensamento Simbólico. Ressignificação essa que passa pelos saberes do indivíduo para depois ser apreendido e transformado. Apesar de tratar do mesmo tema- a Sustentabilidade, a representação que essa tem para esse grupo e para cada indivíduo dentro desse coletivo tornou-se outra.

Conceitos trabalhados: conceitos mais frequentes

As discussões suscitadas em cada uma das seis pétalas/tema da flor original nos levaram a subcategorias outras contextualizadas com a realidade local.

Em relação a Pétala Segurança Alimentar, as categorias que apareceram com mais frequência nos questionários foram: Saúde, Alimento Seguro e Proteção do Solo. Na Pétala Água, as categorias que surgiram foram Água limpa associada a Vida, Bacias hidrográficas saudáveis e Conservação. Na Pétala Energia e Tecnologia as categorias surgidas foram em relação aos tipos de energia que existem: hidráulica, elétrica, termodinâmica; às Fontes renováveis: solar, eólica e marítima; e ao Desenvolvimento associado à Tecnologia. Na Pétala Interação Humana surgiram as categorias Relação homem-natureza, Saber popular e Consenso. Na Pétala Espécies e Ecossistemas as categorias que apareceram com mais frequência foram Biodiversidade, Responsabilidade e Biosfera. Na Pétala Economia Local as categorias surgidas foram Produção Local, Comércio Local e Consumo Local. Deduzimos que as categorias da Flor da Permacultura original que não apareceram na Flor local foram desconsideradas por não fazerem parte do contexto desse Coletivo.

Mudanças nos conceitos prévios desconstrução e reconstrução

Em relação ao antes e depois da oficina tivemos o aproveitamento ou não de conceitos nas seguintes categorias: 1) manteve a opinião, 2) complementou-a, 3)modificou-a positivamente (+), no sentido de aproximá-la do conceito trabalhado na oficina; 4) modificou-a negativamente (-), no sentido de confundiu e afastou-se do conceito trabalhado na oficina de teatro. Fizemos a distribuição de frequência dos conceitos em relação à cada pétala/ tema da Flor da Permacutura.

Na pétala Segurança Alimentar 14% manteve a opinião, 50% complementou-a, 27% modificou-a +, 9% modificou-a -. Na pétala Água, tivemos as porcentagens de 19, 47, 33, 0 para as mesmas categorias já mencionadas; na Energia e Tecnologia: 0, 50, 50, 0; na Interação Humana: 9, 68, 23, 0; na Espécies e Ecossistemas: 0, 50, 45, 5; na Economia Local: 18, 45, 28, 0.

É válido observar que o índice de modificação conceitual negativa foi muito baixo em relação à complementação e modificação positiva dos conceitos em todas as pétalas.

Construção do Conceito de Sustentabilidade

Em relação aos temas levantados na discussão contextualizada com a realidade local e a construção do conceito de sustentabilidade pelos oficinandos destacamos as seguintes ideias:

"Sustentabilidade é a união de todas essas pétalas, mas em união correta, sem interrupções do ser capitalista" (n14).

"Sustentabilidade é produzir o alimento respeitando o ecossistema" (n21).

"Sustentabilidade é viver em conjunto, respeitando toda forma de vida e sua diversidade" (n18).

Podemos afirmar que em termos gerais eles alcançaram a compreensão do que seria Sustentabilidade e ainda ressignificaram as ideias debatidas ao criarem seus próprios conceitos.

O que nos leva a concluir que o TO e a Flor da Permacultura- aplicados em forma de Oficina de Teatro Ambiental no trabalho simultâneo dos Pensamentos Simbólico e Sensível potencializou as vivências de Educação Ambiental ressignificando sua prática, além de facilitar a compreensão de conceitos complexos como o de Sustentabilidade para esse grupo.

Em relação ao TO destacamos como pontos positivos a possibilidade de: a)proporcionar uma outra forma de se fazer Educação Ambiental, mais plural, agregando elementos subjetivos à discussão racional, possibilitando vivenciar os conceitos que estão sendo trabalhados, além de criar uma realidade que permita vislumbrar e melhor compreender as questões que foram levantadas; b) proporcionar um conteúdo ambiental pelo viés da Sustentabilidade tão falada e tão pouco entendida devido a sua complexidade, para ressignificar os conceitos que lhe são atribuídos de forma lúdica e contextualizada com a realidade dos educandos.

Destacamos como pontos negativos: a) o trabalho concentrado em uma semana e em um facilitador para a oficina. Por conta da logística e do pouco recurso financeiro disponível tivemos que concentrar o trabalho em muitas horas por dia com pouco intervalo para descanso. Portanto sugiro que se não houver possibilidade de aumentar o número de dias, que o trabalho seja facilitado por uma dupla e não concentrado em uma só pessoa para propor todos os exercícios. Ou ainda que haja menos pessoas para participar da oficina. O ideal seria de 15 a 20 participantes.

Em relação à Flor da Permacultura trazemos como pontos positivos: a) uma ferramenta norteadora de investigação das temáticas relevantes quanto à sustentabilidade; b) uma maneira rápida de se montar um diagnóstico socioambiental, no qual podemos chegar a um modelo local de questões urgentes a serem trabalhadas contextualizadas com sua realidade como a Flor da Permacultura Local. Logo, temos um modelo rápido, efetivo, que dá uma ideia geral de sustentabilidade local para a partir daí desenvolver-se ações efetivas voltadas para resolução dos problemas apontados.

Como pontos negativos: a) a flor serve como um modelo de sustentabilidade, porém primeiramente precisa ser contextualizada com a realidade local para que seja efetiva enquanto ferramenta- diagnóstico; b) não resolve os problemas socioambientais discutidos, apesar de apontar caminhos para suas soluções; portanto deve-se buscar outros elementos para em conjunto com a flor como norteador temático possa se construir ações voltadas para mudança efetiva e prática da sustentabilidade na superação das crises em que nos encontramos.

Em relação a junção do Teatro do Oprimido e da Flor da Permacultura como forma de ressignificar e Educação Ambiental, destacamos como pontos positivos a criação de uma programação de Educação Ambiental plural apontando vivências e conteúdos conectados com essas vivências (CAMPOS, 2014) de maneira que esse programa pode ser formatado e modificado em eu conteúdo de acordo com o contexto e com o grupo que se quer trabalhar. Pode-se manter a forma: o trabalho das pétalas/temas da flor com vivências do TO, variando os jogos e exercícios de criação estética propostos por Boal (2006, 2009).

Como pontos negativos destacamos: a) que essa experiência é recomendada para ser realizada por pessoas que tenham um domínio básico da teoria e prática tanto do TO quanto da Permacultura, o que torna-a específica; b) é necessário um recurso financeiro para compra de material e logística para realização da Oficina de Teatro.

Respondendo a nossa questão de pesquisa, o elemento teórico que o Tetro do Oprimido traz é o entendimento da relação de poder existente entre o oprimido, que tem uma vontade; e o opressor, que detém o poder sobre a vontade do oprimido. Entendimento esse como um primeiro passo necessário à quebra dessa relação de poder. E a compreensão dessa relação, que perpassa o indivíduo/coletivo em seu meio e portanto as questões socioambientais inerentes ao mesmo pode ser alcançada pelas dinâmicas de criação trazidas pela metodologia boalina. Sejam elas: os jogos corporais de desmecanização divididos nas cinco categorias referentes aos sentidos humanos e à Estética do Oprimido dividida nas três categorias Palavra, Som e Imagem referentes aos canais estéticos de dominação cultural.

Em relação a Flor da Permacultura (LEGAN, 2004), temos um modelo teórico de sustentabilidade- a flor, cujo miolo traduz-se em cultura da sustentabilidade e cujas seis pétalas-temas em harmonia traduzem um ambiente sustentável. Esses temas/pétalas podem abordados separadamente ou em conjunto, relacionando-os uns aos outros numa teia complexa, em que, independente de onde se inicie a reflexão, de qual pétala/tema; percebe-se que todas têm um enlace com cada uma e no todo, simultaneamente.

Ou seja, ao trabalhar a criação artística via Teatro do Oprimido nas pétalas temas da Flor da Permacultura vivenciamos o trabalho em conjunto dos Pensamentos simbólico e Sensível, que facilitou a compreensão de conceitos complexos da Educação Ambiental como o da Sustentabilidade, ressignificando sua prática em busca de uma desdidatização da mesma.

Agradecimentos: à Capes pela Bolsa de Mestrado, à ACRANE por financiar o campo dessa pesquisa, aos professores Adauto Souza Ribeiro (orientador), Antonio Vital dos Santos e José Mário Aleluia pelas valorosas contribuições, e ao Movimento Coletivo da Juventude.

Referências Bibliográficas

BAUER, M. W; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. 516 p.

BARBIER, R. **Pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007. 157 p.

BARBOSA, I.B**. Jovens e Teatro do Oprimido:** (re) criando a cidadania, (re) construindo o futuro. 172f. (Dissertação de Mestrado) - Programa Estudos da Criança, Universidade de Minho, Portugal, 2011.

BOAL, A. **O teatro como arte marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 7ª ed rev. e ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 6ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006. 347 p.

BOAL, A. Educação, pedagogia e cultura. In: **Revista Metaxis: Informativo do Centro de Teatro do Oprimido**, CTO-RJ, 2007. p. 7-8.

BOAL, A . **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2009. 256 p.

BRASIL. Decreto-Lei n° 9.795, de 27 de Abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências, 1999.

CAMPOS. P. ; GORAYEB, A. ; DA SILVA, E. V. A Arte como ferramenta para melhoria da qualidade de vida em Pindoretama/CE. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE AGORECOLOGIA, 12 a 16/12/2011, FORTALEZA/CE. Anais eletrônicos. Fortaleza, 2011.
Disponível em:
<http: www.
aba-agroecologia.org.br
/ojs2/index.../10768/7323>.
Acesso em: 02 abr. 2012.

CAMPOS. P; PINCELLA, I.; GORAYEB, A.; DA SILVA, E.V. Arte Educação Ambiental: o Teatro na trilha de práticas sustentáveis. In: Gorayeb, A. ; Silva, E. V. (org.). **Agroecologia e Educação Ambiental Aplicadas ao Desenvolvimento Comunitário**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012, p. 85 -101.

CAMPOS, P. **O Teatro do Oprimido e a Flor da Permacultura na Educação Ambiental**. 113 fl. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1994.

COIMBRA, J. A.A. Considerações sobre a interdisciplinaridade.In: Philippi Jr., Arlindo (org**.). Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais** / A. Philippi Jr., C. E. M. Tucci, D. J. Hogan, R. Navegantes. - São Paulo: Signus Editora, p. 52-70, 2000.

DESGRANGES, F. **A pedagogia do espectador**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 185 p.

DI CIOMMO, R. C. Relações de gênero, meio ambiente e a teoria da complexidade. In: **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 11, n 2, p. 423-443, julho-dezembro, 2003.

DUARTE JUNIOR, J. F. **Porque arte- educação**?
5ºed. Campinas: Editora Papirus, 1988.

FREITAS, D. S. ; OLIVEIRA, M. J. L. Bachelard e o pós modernismo. IN – **Revista Educação** (Santa Maria). v. 25. n 2. 2000. p. 129- 139.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas – A teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GOETZ, J.P.; LECOMPTE, M. D. **Etnografía y diseno cualitativo en investigación educativa**. Madrid: Editora Morata, 1988.

HUSSEIN, A. The use of triangulation in Social Sciences Research: Can qualitative e quantitative methods be combinaded. **Journal of Comparative Social Work**. p. 1-12. 2009/1

JAPIASSU, R. O. **Metodologia do ensino de teatro.** Campinas: Papirus, 2001.224 p.

KOUDELA, I. D. **Jogos teatrais**. 5. ed. São Paulo:Perspectiva, 2004.155 p.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. 494 p.

LEGAN, L. **A escola sustentável:** eco-alfabetizando pelo ambiente. Pirenópolis: IPEC, 2004. 171 p.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. ; CASTRO, R. S. **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. 4ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006. 183 p.

MMA. **Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores** / Luiz Antônio Ferraro Junior, organizador. – Brasília, MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. 358 p.

MORAN, E. F. **Meio ambiente e ciências sociais: interações homem-ambiente e sustentabilidade**/ Emilio F. Moran; tradução Carlos Slak. – São Paulo: Editora Senac, 2011.

MORIN, E. **O método: A natureza da natureza**. Vol. 1. Título original: La méthode 1: la nature de la nature. Éditions du Seuil, 1977.

MOTOS-TERUEL, T. ; NAVARRO-MORÓS, A. Estrategias del Teatro del Oprimido para la formácion permanente del professorado. **Magis Revista Internacional de Investigacion em Educacion,** v.4, n 9, p. 619-635, 2012.

PEREIRA. M. ; CAMPOS, P. MELO, C. BARROSO, S. M.; GORAYEB, A. Árvore do Bem viver: Educação Ambiental e diálogos de saberes sustentáveis. In: Gorayeb, A. ; Silva, E. V. (org.). **Agroecologia e Educação Ambiental Aplicadas ao Desenvolvimento Comunitári**o. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012. p. 49 - 71.

RYNGAERT, J. Tradução Cássia Raquel da Silveira. **Jogar, representar**: práticas dramáticas e formação. São Paulo: CosacNaify, 2009. 278 p.

Web:

**http://
coletivodajuventude.blogspot.com
.br
/ (Movimento Coletivo da Juventude, acesso em 15/11/2013).**

**http://
youtu.be/qyroQfwEELo (Documentário do Processo, acesso em 14/06/2013).**

[1] Oceanóloga com Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente/UFS, Especialização em Pedagogia Waldorf, Profa. Substituta do Núcleo de Teatro/UFS, priscaoceano@gmail.com
.
[2] Ecólogo, PHd, Prof. Efetivo da UFS e do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente(PRODEMA/UFS), adautoea@gmail.com
.
[3] Nomeado embaixador de Teatro pela Unesco e indicado ao Nobel da Paz em 2009, criou o Teatro do Oprimido, metodologia aplicada em mais de 70 países; seus livros foram traduzidos para 22 idiomas.
[4] Dissertação de Mestrado orientada pelo prof. Adauto de Souza Ribeiro no PRODEMA/UFS.

Recebido em: 02/07/2014
Aprovado em: 03/07/2014
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort
Metodo de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi: